

Galerias do Plano Piloto guardam época em que cidade tinha tapete em pré-estréia de filmes, mercado de artesanato regional e comércio longe dos shoppings. No Setor Comercial Norte, posto de emprego tem obras de Athos Bulcão e Burle Marx

Corredores do tempo

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

Dá até para imaginar um filme de suspense. Degraus que levam ao subsolo, corredores escuros, espaços fechados e saídas bloqueadas com grades e cadeados. Mas dá também para voltar ao passado e descobrir que as galerias de Brasília guardam história e riqueza cultural. Os corredores com lojas fechadas e praticamente abandonados já ostentaram glamour. Eram centros de compra e de diversão. Prenúncios de shopping centers.

A Galeria do Cine Karim, 110/111 Sul,

já ostentou tapete vermelho em noite de pré-estréia de grandes filmes no cinema com a maior tela de projeção do Brasil. A turma fazia point no local e comia cachorro-quente no Chaplin, a lanchonete da moda. Bandas de jovens arriscavam seus shows. Mas a época boa passou. O cinema e as lojas fecharam. O abandono avança aos poucos.

Na Galeria dos Estados, Pedro Leôncio é quem lembra, saudosista, os bons tempos. A loja dele, a Alvorada Cearense, é a única no corredor de 73 lojas que ainda mantém a tradição de vender artigos típicos de algum estado do Brasil. Desde 1977, que as mercadorias da loja são rede

e chapéu de couro fabricados no Ceará. "Naquela época a gente atraía os turistas", lamenta o lojista.

O Cine São Francisco, que dá nome a uma galeria na 103 Sul, nunca funcionou. Tem ainda a Galeria da W3, um corredor escuro, estreito e desconhecido do consumidor na 512 Sul. Mas que na década de 60 funcionou como uma espécie de shopping quando a W3 era lotada por consumidores.

A Galeria do Emprego, que já foi Galeria do Trabalhador, nasceu atrasada. Deveria unir o Setor Comercial Norte ao Setor Bancário Norte, mas o Eixão já estava concluído e as duas galerias ficaram se-

paradas. Oscar Niemeyer achou melhor deixar assim do que construir uma passarela sobre as pistas.

O mecânico de refrigeração José Nunes de Sousa, 32 anos, não sabia da história. Nem que o banco do jardim onde descansa foi projetado pelo paisagista Burle Max. E muito menos que os azulejos azuis e com desenhos geométricos são obras do artista plástico Athos Bulcão. "Já veio muita gente de fora apreciar essas obras", lembra a engenheira civil Veridiana Bragança, que acompanhou a conclusão da galeria, em 1991. "É pena que lugares como esse percam a validade cultural".

NOSTALGIA CANDANGA

Fotos: Ronaldo de Oliveira



GALERIA DOS ESTADOS

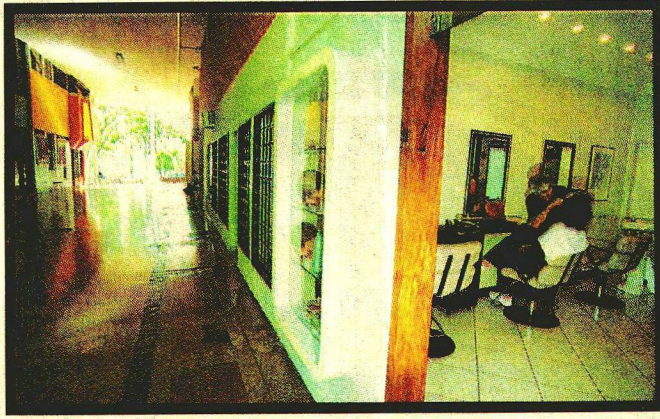
Ampla, com lojas de um lado e do outro, a galeria que liga o Setor Bancário Sul ao Setor Comercial Sul já foi ponto turístico da capital. A idéia era que as lojas vendessem mercadorias e comidas típicas dos estados brasileiros. Mas, com a consolidação da feirinha de artesanato da Torre de TV, a Galeria dos Estados perdeu a característica original. Veio o abandono. Muitos

comerciantes faliram. Quinze espaços destinados a lojas estão vazios. A Alvorada Cearense é a única das lojas antigas que permanecem na galeria. "A gente já teve muito mais freguês", lamenta o proprietário Pedro Leôncio, 60 anos, cearense do município de Maçapê. O ponto dele está aberto desde 1977, quando a galeria foi inaugurada.



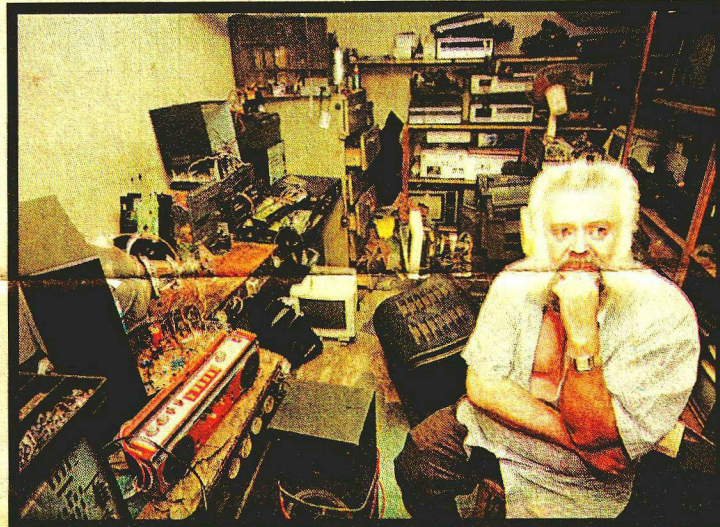
GALERIA DO CINE SÃO FRANCISCO

O cinema nunca existiu, mas o nome pegou. Oficialmente o prédio, na altura da 103 Sul, se chama Centro Empresarial São Francisco, mas todo mundo conhece o lugar como Galeria do Cine São Francisco. O local não tem salas de exibição porque não obteve o alvará de funcionamento. É uma galeria com lojas de serviços: salões de beleza, locadoras de automóveis e agência de turismo são a maioria. O cearense Francisco Jales (foto), 55, dono de uma locadora de carros e um dos primeiros comerciantes da galeria, explica que o lugar já teve mais movimento. "Havia muitas butiques, mas o fracasso do cinema deixou o local desanimado. As lojas tiveram de buscar outro perfil para sobreviver. Nossos clientes são mais aqueles de telefone que nos descobrem pela lista telefônica", explica.



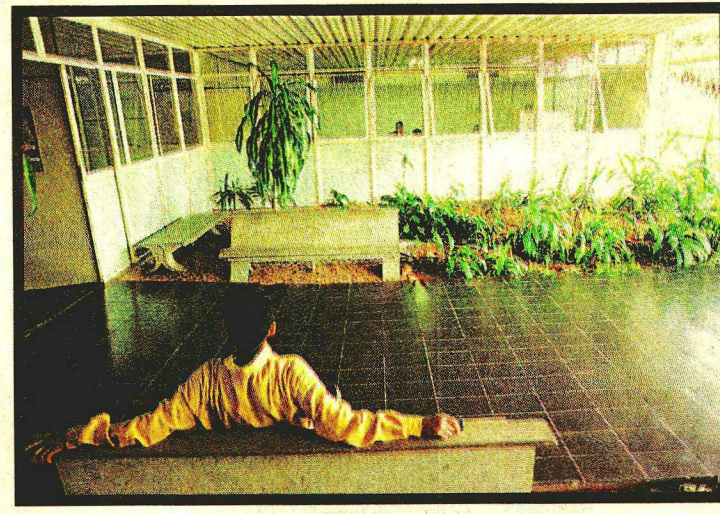
GALERIA DO CINE KARIM

O cabeleireiro Romualdo Lima, 55 anos, é o mais antigo do pequeno comércio da galeria, mas está pensando em levar o salão para outro local. Desde que o Cine Karim fechou, em novembro do ano passado, o abandono tomou conta da galeria na 111 Sul. "Nem pedinte vem mais aqui porque sabe que não tem a quem pedir", lamenta o artista plástico Zélio Visconti, saudosista da época em que havia tapete vermelho no chão para convidados a pré-estréias de filmes no Karim. Inaugurado em abril de 1969, o cine Karim não aguentou a concorrência das salas de exibição dos shoppings. Outras lojas também fecharam e as que estão abertas vendem pouco. Até a igreja que ocupava o espaço do cinema foi desativada. "Não é possível que a galeria vá morrer. Alguém tem de acreditar nesse espaço", espera Romualdo.



GALERIA DA W3

É um beco escuro que liga a W3 à W2, na altura da 512 Sul. De tão estreito, não é notado nem por consumidores que freqüentam aquela que já foi a principal avenida comercial de Brasília. É lá que trabalha Cirineu Assis Martins (foto), um catarinense de 48 anos, barba branca e comprida. Ele é técnico em eletrônica e há 28 anos mantém na galeria a Só TV, loja que também conserta som e vídeo de todas as marcas. "Isso aqui já foi a coqueluche de Brasília", diz. O dono da galeria, padrinho dele de casamento, era João Antônio Haas, que trabalhou como apontador de obras na construção de Brasília. São 11 lojas e 11 escritórios. "As indústrias acabaram com a minha profissão. As tevês são descartáveis hoje em dia. Não se acham peças", lamenta Cirineu, que guarda no arquivo 28 mil fichas de clientes. Gente famosa, como o ex-presidente João Figueiredo. Um dia, o general mandou chamá-lo, com urgência, na Granja do Torto, com ordens expressas de consertar a TV antes de acabar o jogo do Brasil.



GALERIA DO EMPREGO

Até mil trabalhadores desempregados costumam passar diariamente pelo corredor subterrâneo no Setor Comercial Norte. Na angústia de conseguir vaga no mercado de trabalho, os candidatos nem se dão conta do lugar onde estão. O que interessa é pegar a senha do atendimento e sentar em uma das 235 cadeiras pretas, enquanto esperam. Passa despercebida a riqueza histórica e cultural da galeria, que tem três saídas (ou entradas) bloqueadas por questão de segurança e para facilitar a distribuição das senhas. Os azulejos azuis com detalhes geométricos são obras do artista plástico Athos Bulcão. E um jardim interno, na saída para o Eixão, foi projetado pelo paisagista Burle Marx. Uma vez por mês, jovens dispensados do Serviço Militar fazem fila lá e cantam o Hino Nacional, enquanto a bandeira é hasteada.